502: Celebrando o impossível!

Lembro-me de, ainda criança, me dirigir sozinha à igreja no final da rua para acender velas.

A minha família não frequentava a igreja, eu não sabia para quem fazia aquela oferenda.

Não tinha quaisquer conceitos sobre fé ou sobre o que devia ou não devia, o que fazer e o que não fazer em torno da espiritualidade. Apenas me senti atraída por aquela luz. A experiência de admiração e humildade com que por vezes me deparava inspirou este impulso inicial para a devoção e despertou em mim o desejo de expressá-lo.

Compreendi intuitivamente que se tratava de algo que surgia no fundo da natureza do meu ser, e não me ocorreu dar-lhe um nome.

Embora não conseguisse sustentar estas experiências nem localizar a sua origem,

elas me pareciam estranhamente familiares, verdadeiras e livres de perturbações neuróticas.

Identifiquei estes momentos - ou mesmo a memória deles - como um refúgio,

e eles ganharam o meu mais profundo respeito e confiança.

Consolava-me com o fato de que, mesmo quando as coisas não iam muito bem,

eu tinha algo extraordinário onde podia me apoiar.

Quando crianças, as nossas mentes estão muito abertas. Não nos debatemos com o mistério e nem nos apegamos aos momentos de graça. Na infância, através do nosso senso de maravilhamento, nos familiarizamos com algo essencial ao nosso ser humano... mesmo que esse algo só surja aqui e ali.

Ao longo da minha vida, apesar dos altos e baixos, das voltas e reviravoltas, de todos os esforços e desvios, tenho me mantido fiel a esta magnificência do ser no melhor de minha capacidade.

Como adulta, descreveria essa minha busca ativa e constante como fé.

Boas-vindas ao Open Question: um chamado ao brilho interior

O nosso tema para este ano: Fé para além da crença e da dúvida

Me chamo Elizabeth Mattis Namgyel e este é o episódio 502: Celebrar o impossível!

Você já se perguntou:

"O que é que provoca tais momentos de graça?"

"Haveria uma forma de acessar tais momentos com intencionalidade?"

"Porque eles são inevitavelmente substituídos por insatisfação e mal-estar?"

Ao nos debatemos com tais questões eminentes, podemos notar que o universo, quase que de forma lúdica, parece aparecer para colaborar e conspirar nesse processo. Mensageiros, mestres e experiências aparecem para nos ensinar lições. Os desafios e as desilusões nos desnudam, contribuindo para nossa formação. Isso é o que acontece quando fazemos uma pergunta aberta!

As minhas reflexões ao longo da vida sobre a fé culminaram num livro: a Lógica da Fé, publicado em 2018. À medida que o livro se aproximava das edições finais, trabalhei com a minha amiga - artista extraordinária - Tatjana Krizmanic, para criar a capa do livro. Esperávamos mais do que um design normal, Nos desafiamos a produzir uma imagem que captasse a experiência da fé.

Depois de alguns *brainstormings* e experimentações, Tatjana desenhou uma imagem linda de uma moça vestindo um tutu, segurando uma sombrinha, enquanto dançava numa corda bamba.

Esta representação gráfica ilustrava de forma divertida a sensação de tranquilidade, graça e confiança que associamos à fé. É verdade que essa imagem acabou sendo rejeitada pelo departamento de marketing da editora e não chegou a ser publicado na capa... mas imprimimos muitas camisetas com ela e as pessoas adoraram. Afinal, a nossa adorável mascote que andava na corda bamba tornou-se, e continua a ser, uma analogia flexível para muitos de nós,

na nossa investigação contínua da fé.

Música

Vento

“Na tarde de 6 de agosto de 1974, Phillip Petit e 3 amigos entraram no estacionamento subterrâneo do World Trade Center de Nova Iorque numa van sem identificação. Depois de algumas manobras cuidadosas, passaram toda a noite no topo das Torres Gémeas, montando secretamente um fio que se estendia por aproximadamente 40 metros entre os dois edifícios.

Às 7:15 da manhã do dia 7 de agosto, Petit estava na corda, a quase 400 metros acima da praça central do WTC. Ele ficou andando para trás e para a frente por 45 minutos, desfilando acima das cabeças de centenas de pessoas que se reuniam lá embaixo para assistir. Petit fez 8 passagens pela corda e, a certa altura, chegou a deitar-se sobre ela.

Philip Petit é um artista francês e equilibrista conhecido por suas passagens não autorizadas em pontos de referência de grande visibilidade, a que se referia como “Le Coup” (O golpe).

Para dizer o óbvio: Petit tinha uma fé inabalável na sua capacidade de andar na corda bamba. De fato, ele disse uma vez: “Em meu dicionário, o amor vem no lugar da fé.” Esta é uma afirmação forte; uma declaração curiosa. O que é que ele quer dizer com isso?

Podemos definir ou rejeitar a fé de acordo com as nossas preferências - podemos debater o seu significado; confundi-la com dogma e fundamentalismo; podemos tentar substituí-la por palavras que nos parecem menos desafiadoras, como espiritualidade, mas, suspeito, que secretamente, no fundo dos nossos corações, todos desejamos viver na fé... Eu sei que eu desejo.

Estou inclinada a pensar que a mente moderna se debate com a fé porque muitas vezes não conseguimos acessá-la; ou entender como ela funciona; ou mesmo compreender o que é a fé. Por isso, nos contentamos em pensar que é algo que ou temos... ou não temos.

Todos esses “devo” e “não devo” que costumam surgir em torno da fé tendem a anular as nossas lutas cotidianas com a dúvida e a incerteza. Há momentos, especialmente quando somos abalados pelas circunstâncias, e alguém diz: “Tenha fé!” Sinto vontade de responder: “Sim!, adoraria... mas não estou conseguindo chegar lá!”

A própria palavra “fé” implica o desconhecido; que há algo escondido da nossa consciência; que ainda não se revelou; que talvez esteja mesmo para além da nossa capacidade de compreensão.

Ao mesmo tempo, a fé sugere um elemento de tranquilidade ou refúgio; não nos debatemos na incerteza quando temos “fé”; relaxamos no fluxo.

A fé encabeças nossa disponibilidade para a aventura, e é intrínseca a qualquer esforço criativo: Tinta e uma tela vazia; Em cima de uma moto – diante de uma estrada aberta à frente. Entrar em terreno inexplorado... tanto interior como exterior.

Uma pergunta aberta caracteriza a fé, e se distingue do estresse, da ansiedade e do medo.

Quem não gostaria de conseguir relaxar no fluxo? No fundo, até o ateu mais fervoroso anseia por isso. De fato, eu desafiaria qualquer ateu que afirmasse o contrário.

...mas agora gostaria de voltar a Philippe Petit: Vamos imaginá-lo, em 1974, andando pela corda no alto das torres. Talvez ele esteja na sua quarta passagem. Podemos imaginar que, neste momento, a fé não é uma atividade passiva para ele.

Não se sobe numa corda a quase 400 metros apenas esperando não cair. Não nos damos ao luxo de perder a linha - de escorregar - em tal altura. É preciso usar recursos externos e internos: a fé no seu treino; a fé no seu equilíbrio; a fé na estabilidade emocional e na força da mente. A sua fé na gravidade!

Temos que ser os durões - ou aquela garota - usando o tutu, mantendo o equilíbrio delicado com uma sombrinha. Temos que andar na linha.

A fé deve ser construída. Tem a ver com o desenvolvimento do carácter; Não pode ser apenas uma coisa que vem e vai - que se desvanece Temos de nos familiarizar com a fé.

O que é inspirador em Petit na corda, não é apenas o fato de ele ter conseguido tal feito, mas o fato de ter tido a fé para fazê-lo. Como ele poderia tal atingido tal feito sem fé?

Ele disse numa entrevista para a revista TIME: “Eu não estava assustado pois era uma atividade de precisão. Na realidade, eu estava morrendo de felicidade”.

Música

Não sei muito sobre a vida pessoal de Petit, mas sei que ele nos presenteou com uma demonstração excepcional da grandiosidade humana no contexto da sua arte. Nos mostrou como podemos ser elevados pela fé! e, ao fazê-lo, nos deu uma analogia extraordinária sobre como viver neste mundo! E se vivêssemos a vida com a mesma atenção, deliberação, precisão e fé?

E se encarássemos cada passo como se fosse o nosso único passo? Afinal, esta é a nossa vida! Afinal, é a nossa vida! Como pretendemos utilizá-la? Como vamos agir? De que é que somos verdadeiramente capazes? Ficaremos passivamente à espera do nosso destino? Ou podemos assumir um compromisso voluntário e ativo com a nossa vida e com a forma como a conduzimos? Será que conseguimos aprender a caminhar na fé?

Em referência ao Caminho do Meio, meu professor disse certa vez: “O nosso esforço não é religioso, mas sim um teste ao que nós, como seres humanos, nos podemos tornar, o maior desenvolvimento do nosso potencial humano.”

Em outras palavras, o desenvolvimento da excelência humana é a preocupação prática do caminho do meio, e dar vida a esse caminho requer fé.

Quanto aos ensinamentos sobre a fé, o que é que os textos budistas tradicionais têm a dizer sobre isso? Como é que eles sugerem que cultivemos a fé?

Eles descrevem o desenvolvimento gradual de três tipos de fé:

* Fé vívida
* fé ávida

e

* a fé confiante ou inabalável

Vamos conhecê-las:

Fé vívida

A fé vívida refere-se aos casos em que algo ou alguém nos inspira ou nos desperta. Estes acontecimentos podem surgir espontaneamente do nosso interior. Enquanto em outras ocasiões, uma força externa parece incitá-la:

* um encontro com as qualidades de força, coragem ou bondade de outra pessoa
* a beleza sagrada e profunda do mundo natural;
* a passagem de um texto que abre nosso coração;

ou

* testemunhar uma demonstração da gradiosidade humana, como a de Petit

Seja qual for a forma como se manifesta, experimentamos uma mudança sísmica na forma como percebemos o nosso mundo. Poderíamos descrevê-la como a passagem de uma realidade plana para um uma realidade com profundidade e de dimensionalidade aberta; Uma realidade que jamais poderíamos ter imaginado há apenas alguns momentos.

Quando somos profundamente tocados pela beleza, dor ou complexidade da vida,

podemos notar, por exemplo, que surge a compaixão por aqueles que normalmente desprezamos; que somos capazes de aceitar as nuances da humanidade dos outros sem confusão; e que naturalmente temos confiança e segurança na clareza da nossa visão.

E eu quero salientar, que tais experiências não surgem apenas a partir do objeto externo; elas também surgem por meio do nosso reconhecimento subjetivo e apreciação delas. À medida que a nossa apreciação aumenta em conjunto com o seu objeto tornamo-nos o destinatário desta qualidade libertadora e não-egóica de apreciação, e acabamos por descobrir que essa é uma expressão natural da nossa própria mente. E assim, quando nos percebemos elogiando as qualidades de outra pessoa, deveríamos também enaltecer a capacidade da mente de reconhecer e valorizar essas qualidades. A capacidade de apreciar constitui o terreno a partir do qual a fé pode surgir. Por meio do poder da humildade, estas experiências servirão de ponto de referência para o desenvolvimento da fé.

fé ávida -

A fé ávida tem inspiração na fé vívida. Primeiro, algo ou alguém nos inspira e depois, desejamos desenvolver essas qualidades em nós mesmos. E, no entanto, apesar do nosso desejo genuíno, nos deparamo muitas vezes com experiências difíceis e indesejadas, e acabamos pensando: o que aconteceu com aquele sentimento de fé?

Entretanto, de volta a corda com Philip Petit... Imaginem-no agora no meio da sua quinta passagem, por cima de uma multidão cada vez maior, incluindo a polícia e, acima dele, os helicópteros da imprensa circulando pelo ar: O próprio Petit descreveu os momentos desafiadores no World Trade Center:

“O vento está a soprar e o meio da corda é ‘frouxo e traiçoeiro’.” De qualquer forma, que escolha ele tem a não ser manter a estabilidade e a compostura.

Como em qualquer esforço, a instabilidade e o desafio surgirão inevitavelmente. Talvez medo e dúvida também. O treino de Petit, a sua fé, permitiu-lhe compreender

que o movimento da vida apresenta uma oportunidade para a travessia.

Numa conferência inter-religiosa em que participei durante anos, todos os participantes, palestrantes e coordenadores faziam 3 minutos de silêncio antes de cada apresentação. Depois de uma dessas sessões de 3 minutos, uma palestrante, que estava sentada ao meu lado, confidenciou que que temia esses 3 minutos de silêncio.

A sua confissão me impressionou muito, e tenho refletido sobre as suas palavras desde então. Que medo poderia haver de 3 minutos de silêncio e de “não-fazer”?

Desde então, muitos meditadores principiantes têm partilhado o seu desânimo e luta para se sentarem mesmo por breves períodos, descrevendo a atividade das suas mentes como avassaladora, selvagem e discursiva.

Não é curioso que haja algo sobre estar quieto e à vontade que não é natural para nós, humanos? De fato, se refletirmos honestamente sobre tudo isto talvez concordemos, que, de uma forma ou de outra, todos nos sentimos intimidados pelo poder e pela vitalidade natural da nossa mente. Por que outra razão sucumbiríamos ao medo, à raiva, à solidão ou ao desejo? É por isso que treinamos a meditação.

Podemos cultivar o estado de samatha, através do simples método de nos concentrarmos na respiração, que nos proporciona um forte antídoto contra o caos no ímpeto dos pensamentos. É claro, normalmente não conseguimos aperfeiçoar esta prática logo de cara, e isso pode ser desencorajador. Sugeri muitas vezes aos novos meditadores (e por vezes, preciso eu mesma me recordar!) que comecem com apenas uma respiração profunda e saudável.

Quando se sentirem confortáveis com isso, recomendo que tentem duas seguidas,

o que lhes dará um senso de confiança. Também encorajo praticantes a parar quando não estiverem se sentindo bem. Desta forma, as chances de desejarem retornar à prática são maiores e poderão associar sempre a prática ao prazer do estado de samatha, que proporciona tranquilidade, bem-estar, e uma mente estável e luminosa.

Este desenvolvimento gradual de confiança nos ajuda na familiarização com a prática, e nos permite nos relacionarmos com ela como um refúgio; algo em que podemos confiar.

Como diz o velho axioma militar: “Quando desafiados, nos resumimos ao nível do nosso treino”. Philip Petit certamente compreendia bem isso.

Fé confiante

Antes de caminhar na corda, Petit dizia: “É impossível!... Bora fazer!”.

Esta declaração capta o espírito da fé confiante. Quando algo parece impossível, não conseguimos sequer imaginar como poderia ser feito. Mas mesmo assim, Petit afirma sua disposição de seguir em frente. Tendo desenvolvido uma fé vívida e o treino de uma fé ávida, o seu primeiro passo na corda é empoderar-se da fé confiante.

Como já discutimos, existem variáveis e surpresas em qualquer desafio, mas um compromisso claro nos ajuda a estar à altura da ocasião.

Para a painelista da conferência que temia os três minutos de silêncio, a ideia de um estado de calma pode ter parecido impossível. Mas e se ela tivesse respirado fundo e de forma saudável? O que é que poderia ter acontecido? Talvez, mesmo que por apenas um momento, ela pudesse acessar e conhecer a natureza luminosa, tranquila e estável da mente; Nesse caso, 3 minutos de silêncio já não teriam parecido impossíveis!

Em outras palavras, aquilo que parece impossível... uma vez iniciado, terá sempre um resultado, e esse resultado nunca será exatamente como imaginamos. E será que realmente queríamos que fosse? Podemos sempre ter a certeza de que algo vai acontecer, e será extraordinário à sua maneira. Bem.. isto é, se estivermos abertos e empenhados em aprender o que a vida tem para nos ensinar.

Quando tomamos a fé como uma prática, treinamos nossa mente para valorizar tudo aquilo que surge - até mesmo a dúvida.

Uma vez um amigo disse-me: “É preciso muita coragem para duvidar...” Descobri que isso é verdade. A dúvida é um professor, e quando bem utilizada, fortalecerá a nossa fé... Quando passamos a confiar nessa verdade, valorizamos a dúvida, e ela não nos trará mais vergonha.

Como disse o teólogo Paul Tillich no seu livro “A dinâmica da fé”: “A dúvida é um elemento da fé”.

(música)

Quero compartilhar um segredo: ontem, um dia antes de me sentar para escrever este episódio, recebi uma carta de uma amiga, que dizia que a imagem da nossa heroína vestindo um tutu e andando na corda bamba - a que está na camiseta que ela ainda usa, tem tido um significado especial para ela ao longo dos anos. Explicou ainda que tem usado a imagem como analogia para a sua própria investigação sobre o tema da fé.

Escreveu:

“Vi, numa rua cheia de poeira em Bodhgaya, na Índia, uma garotinha descalça, vestindo um tutu cor-de-rosa, de pé numa corda bamba improvisada, na qual se equilibrava habilmente. Me lembrei de você e dos seus ensinamentos sobre a fé e o Caminho do Meio. A corda bamba tem sido um símbolo na minha vida há muitos anos, desde que vi Philippe Petit atravessando a corda bamba no Superdome em Nova Orleães”.

Certamente vocês conseguem notar como essa carta foi inspiração para este episódio... Quando a li, de repente, houve um clique e comecei a escrever! Veja! É como descrevi anteriormente: a vida vai entrar em ação para colaborar e conspirar com os nossos desafios mais profundos e autênticos... Isto é, quando mantemos a nossa mente numa pergunta aberta e quando empenhamos a nossa vida na busca pela graça.

Viva a nossa capacidade para a fé;

Viva o potencial humano;

e

Viva o impossível!!!

Visite middlewayinitiative.org para conhecer a programação e para se inscrever na newsletter do MWI.

Open Question Podcast é uma produção da Middle Way Initiative por Michael Velasco, com música original composta e interpretada por Chime Mattis.